

Sinais Significativos e Símbolos Surpreendentes

Na lição anterior, reconhecemos que as pessoas se intimidam com o simbolismo de Apocalipse. Se escutarmos atentamente as palavras de abertura do livro, não ficaremos surpresos com todas as figuras e imagens: “Revelação de Jesus Cristo, que Deus lhe deu... que ele, enviando por intermédio do seu anjo, notificou ao seu servo João” (1:1; grifo meu). Em primeiro lugar, a palavra “Revelação” é a tradução de *apokalupsis*, e a literatura apocalíptica é repleta de símbolos. Além disso, a palavra “notificou” dá uma dica do que está por vir¹. “Notificou” é a tradução da palavra grega para “assinalar” e significa literalmente “indicar por um sinal”². W. E. Vine observou que a palavra foi usada em Apocalipse 1:1, “onde talvez a sugestão seja expressar por sinais”³.

O problema é que esses sinais e símbolos, embora conhecidos dos leitores do primeiro século, são desconhecidos para nós. O propósito da lição anterior e da presente lição é ajudar o estudante a sentir-se mais familiarizado com o simbolismo. Na lição anterior, explicamos o uso de símbolos em geral e fizemos algumas sugestões para a interpretação deles. Também observamos que no Livro de Apocalipse há quatro tipos de símbolos. Já analisamos o primeiro deles: números usados simbolicamente. Nesta lição, examinaremos os outros três tipos de símbolos.

SIMBOLISMO DO ANTIGO TESTAMENTO

Apocalipse contém mais de quatrocentas referências ao Antigo Testamento⁴. A maioria delas são de personagens ou acontecimentos. Para os cristãos do primeiro século familiarizados com o Antigo

Testamento, a simples menção de um personagem ou acontecimento incitava uma resposta mental, que por sua vez proporcionava uma dica do significado do seu uso em Apocalipse. Apresentamos a seguir uma lista parcial dessas referências, ordenada cronologicamente. Seu estudo de Apocalipse será beneficiado, se você estiver familiarizado com essas histórias.

A Criação e a Queda

- O primeiro céu e a primeira terra (Gênesis 1:1; Apocalipse 21:1)
- Éden/Paraíso (Gênesis 2:8; 3:23; Apocalipse 2:7)
- A árvore da vida (Gênesis 2:9; 3:22–24; Apocalipse 2:7; 22:2)
- A primeira promessa do Messias (Gênesis 3:15; Apocalipse 12:7–11)

Os Patriarcas

(Gênesis 10:1; 12:1; Apocalipse 4:4)

- O arco-íris (Gênesis 9:11–17; Apocalipse 4:3; 10:1)
- Sodoma (Gênesis 18:16–33; 19:1–29; Apocalipse 11:8)
- As doze tribos (Gênesis 35:22–26; Apocalipse 7:4–8; 21:12)
- A promessa a Judá (Gênesis 49:10; Apocalipse 5:5)
- Judá representada como um leão (Gênesis 49:9)

Moisés e o Êxodo

- Egito (Êxodo 1:1, 13, 14; Apocalipse 11:8)
- As dez pragas (Ex 7:14–25; 8:1–32; 9:1–35; 10:1–29; 11:1–10; 12:1–32; Apocalipse 8:7–13; 9:1–21; 11:6; 15:1–8; 16:1–21; 22:18)
- O cordeiro pascal (Êxodo 12:21–27; Ap 5:6)
- O cântico de vitória de Moisés (Êxodo 15:1–19; Apocalipse 15:3, 4)
- O deserto (Êxodo 16:1; Apocalipse 12:6, 14)
- O maná de Deus (Êxodo 16:31, 35; Apocalipse 2:17)
- O Monte Sinai (o terremoto, os relâmpagos e tro-

¹“Notificou” é a tradução de um verbo grego que significa literalmente “representar, significar”. ²Bagster’s *Analytical Greek Lexicon* (1971), v.v. “signify” (“notificar”). ³W. E. Vine, *Dicionário Vine*. São José dos Campos, SP: CPAD, 1ª ed., 2002. ⁴Apocalipse contém centenas de referências ao Antigo Testamento, mas nenhuma citação direta.

- vões; Êxodo 19:16–20; Apocalipse 4:5)
- O tabernáculo (veja também referências ao templo) (Êxodo 25:9; Apocalipse 21:3)
- A arca da aliança (Êxodo 25:10; Números 10:33; Apocalipse 11:19)
- O candelabro ou candeeiro (Êxodo 25:31; Apocalipse 1:12, 20; 2:1; 4:5)
- O altar (Êxodo 27:1; Apocalipse 6:9; 8:5)
- Incenso (Êxodo 30:1; Apocalipse 5:8; 8:3, 4)
- O livro da vida (Êxodo 32:33; veja também Salmos 69:28; Malaquias 3:16; Apocalipse 3:5; 20:12, 15; 21:27)
- Balaão (Números 22:5; veja também 2 Pedro 2:15; Apocalipse 2:14)

Os Juízes

- O vale de Megido (Juízes 5:19; 2 Crônicas 35:22–24; Apocalipse 16:16)

Davi e o Reino Unido

- Jerusalém escolhida (2 Samuel 5:5–9; Apocalipse 3:12; 21:2, 10)
- O Messias procederá de Davi (2 Samuel 7:8–17; Apocalipse 5:5; 22:16)
- O templo (veja também as referências ao tabernáculo; 1 Reis 6:1–38; Apocalipse 3:12; 11:19; 15:5, 8; 16:1)
- Harpas na adoração no templo (1 Reis 10:12; 1 Crônicas 25:6; Apocalipse 5:8; 14:2; 15:2)

Os Profetas e o Reino Dividido

- Elias (1 Reis 17:1; veja também Tiago 5:17, 18; Apocalipse 11:6)
- Jezabel (1 Reis 16:31; Apocalipse 2:20)

Além das referências a acontecimentos e personagens, algumas referências do Antigo Testamento em Apocalipse contêm simbolismo emprestado de segmentos *apocalípticos* do Antigo Testamento. A seguir, apresentamos uma lista de algumas dessas referências, também ordenadas cronologicamente. (Nessas referências, você encontrará alguns seres estranhos mencionados no início da lição anterior.) Mesmo que você não entenda completamente a referência original, verá que é útil comparar o texto do Antigo Testamento com o de Apocalipse.

Os Profetas e o Reino Dividido

Isaías

- Os quatro seres viventes (Isaías 6:1–7; veja também Ezequiel 1:4–25; 10:1–22; Apocalipse 4:6–9)
- A queda da Babilônia (Isaías 13:1–22; veja também outros profetas do Antigo Testamento; Apocalipse 16:19; 17:5; 18:2)
- A chave de Davi (Isaías 22:22; Apocalipse 3:7)
- O lagar (Isaías 63:3; Apocalipse 14:14–20)
- O novo céu e a nova terra (Isaías 65:17–25; 66:22–24; Apocalipse 21:1–27; 22:1–5)

Joel

- Os gafanhotos (Joel 2:1–27; Apocalipse 9:3–10)

Os Profetas e o Cativoiro

Ezequiel

- Descrições do Messias e de Deus (Ezequiel 1:4, 26–28; 43:2; Apocalipse 1:12–16; 4:2, 3, 5)
- Comendo o livro (Ezequiel 2:7–10; 3:1–4; Apocalipse 10:8–11)
- Gogue e Magogue (Ezequiel 38:2; 39:1, 6; veja também Gênesis 10:2; Apocalipse 20:8)
- Convite aos pássaros (Ezequiel 39:17–20; Apocalipse 19:17, 18)
- O rio da água da vida com a árvore da vida de uma a outra margem (Ezequiel 47:1–12; Apocalipse 22:1–3)
- A cidade maravilhosa (Ezequiel 48:30–35; Apocalipse 21:12, 13, 16)

Daniel

- Descrições do Messias e de Deus (Daniel 7:1–10, 13, 14; 10:5, 6; Apocalipse 1:12–16; 4:2, 3, 5)
- Besta(s) (Daniel 7:1–8; Apocalipse 13:1, 2)
- Livros para serem abertos (Daniel 7:10; Apocalipse 20:11–15)

Os Profetas e a Volta do Cativoiro

Zacarias

- O cordel de medir (Zacarias 2:1–5; veja também Ezequiel 40:3; Apocalipse 11:1, 2; 21:15)
- Duas testemunhas — oliveiras e candelabros ou candeeiros (Zacarias 4:1–14; Apocalipse 11:3, 4)

Ao comparar as referências do Antigo Testamento com as referências equivalentes em Apocalipse procure o *“ponto de virada”*. As referências em Apocalipse geralmente possuem um ou mais detalhes com variações da referência no Antigo Testamento. Isto nos permite saber que Apocalipse não está se referindo precisamente à mesma coisa referida no Antigo Testamento, e sim a um conceito semelhante ou relacionado. Por exemplo, Apocalipse 7:4–8 contém uma lista das doze tribos. Se não percebermos a virada, presumiremos que o texto se refere literalmente aos judeus. Todavia, quando comparamos essa lista com as do Antigo Testamento (como a de Gênesis 35:22–26), veremos que a lista está errada: Levi está entre os doze, Dã está faltando, e assim por diante. Com isto, percebemos imediatamente que João *não* estava se referindo à Israel carnal⁵.

SÍMBOLOS BASEADOS NO CONTEXTO HISTÓRICO

No estudo de Apocalipse, o estabelecimento de um pano de fundo histórico confiável requer também o conhecimento das características das cidades

⁵Comentários adicionais sobre Apocalipse 7:4–8 estarão na lição *“Calmaria no Centro da Tempestade”*, na edição *“Apocalipse — Parte 4”*, desta série.

onde as sete igrejas da Ásia estavam localizadas, entendendo-se os erros doutrinários que estavam enfraquecendo aquelas igrejas e as nações que não faziam parte do Império Romano (como o império dos partos). Podemos discutir a maioria dessas características no decorrer do estudo. É de suma importância informações básicas sobre o *Império Romano* e como ele se relacionava com o cristianismo. O panorama abaixo do Império Romano pode ser útil neste sentido.

História Primitiva

Segundo a tradição não-inspirada, Rômulo e Remo fundaram Roma em 753 a.C. A cidade foi construída em cima de sete colinas. Em 509 a.C., os romanos expulsaram um rei opressor e estabeleceram uma república.

Júlio César (49–44 a.C.)

Júlio César começou como político, mas acabou se tornando um gênio militar. Em 49 a.C., ele subjugou o Senado Romano com força militar e declarou-se ditador, fundando a dinastia Júlio-Claudiana⁶. A ele atribui-se o início do Império Romano. Por fim, “César” tornou-se o título geral do imperador romano⁷.

Júlio César foi reconhecido como um semideus, e templos foram dedicados a ele. Ele recusou a coroa, mas muitos temiam que algum dia ele se declarasse rei. No dia 15 de março de 44 a.C., Júlio César foi assassinado por Brutus, Cássius e outros conspiradores.

Augusto César (27 a.C.–14 d.C.)⁸

Otaviano era sobrinho de Júlio César, o qual o adotou tornando-o seu herdeiro. Quando Júlio César morreu, o império submergiu numa guerra civil. Depois de muitas batalhas, Otaviano tornou-se o primeiro imperador de Roma. Em 27 a.C., ele proclamou a restauração do governo republicano de Roma, e o Senado conferiu-lhe o título de Augusto (“o exaltado”). Ele se tornou o verdadeiro chefe da nação, sendo o Senado seu corpo de conselheiros.

O governo de Augusto preparou o caminho para o cristianismo à medida que o Império Roma-

no inconscientemente contribuía para a “plenitude do tempo” (Gálatas 4:4). Entre essas preparações estavam o estabelecimento da *Pax Romana* (a paz romana), a propagação da língua grega (o Novo Testamento foi escrito em grego *koine*⁹) e a construção de redes rodoviárias que permitiram o transporte e a comunicação por todo o império. Augusto estava governando quando Jesus nasceu (Lucas 2:1).

Tibério César (14–37 d.C.)

Tibério era enteado e genro de Augusto. Quando Augusto morreu, Tibério tornou-se imperador. Ele estava governando durante o ministério pessoal e a morte de Jesus (Lucas 3:1) e ainda estava no poder quando a igreja se estabeleceu.

Gaio Calígula (37–41 d.C.)

Calígula, sobrinho-neto de Tibério, foi o próximo imperador. Após vários anos, por conta de uma grave enfermidade, ele ficou mentalmente desequilibrado (sendo conhecido como “o imperador louco”). Calígula iniciou uma perseguição religiosa, principalmente contra os judeus. Quando suas crueldades se estenderam aos que o cercavam, seus próprios oficiais o mataram. Ele não é mencionado no Novo Testamento.

Cláudio César (41–54 d.C.)

Cláudio era sobrinho de Tibério e tio de Calígula. Depois que Calígula foi assassinado, Cláudio foi declarado imperador pela guarda imperial. Durante o reinado de Cláudio César, Roma tornou-se o centro comercial do mundo, servindo de escoamento de produção do Egito, Norte da África, Sicília, Espanha, Chipre, Bretanha, Grécia, países bálticos, e outros.

Cláudio é mencionado duas vezes no Novo Testamento (Atos 11:28; 18:2). Quando ele tirou os judeus de Roma (Atos 18:2), é provável que tenha incluído os cristãos, mas ele não escolheu os cristãos para perseguir. Ele foi envenenado pela quarta esposa (e sobrinha), que queria o império para o seu filho, Nero.

Nero (54–68 d.C.)

Nero era sobrinho de Calígula e filho adotivo

⁶Há dúvidas quanto a Júlio ter sido “o primeiro imperador”. Ray Summers disse: “No entendimento popular, o primeiro imperador romano foi Júlio César; na lei constitucional estrita, o primeiro que presidiu uma forma estabelecida de governo foi Augusto” (*A Mensagem do Apocalipse: Digno É o Cordeiro*. Rio de Janeiro: Juerp, 1978, s.p.). Henri Swete disse que embora Júlio César “alegasse o ‘praenomen Imperatoris’”, ele “foi um Ditador e não um Imperador no sentido último” (*The Apocalypse of St. John* [“O Apocalipse de São João”]. Cambridge: MacMillan Co., 1908; reimpressão, Grand Rapids, Mich.: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., s.d., p. 220). ⁷Escritores seculares usavam às vezes “César” para se referir a figuras inferiores, mas a Bíblia o usa somente com referência ao imperador. ⁸Alguns datam o início do governo de Otaviano em 31 a.C. ⁹*Koine* significa “comum”. O grego *koine* era a língua falada nas ruas pelas pessoas comuns.

de Cláudio. Durante a primeira parte de seu reinado, ele foi aconselhado por homens bons. Ele era o César a quem Paulo apelou em Atos 25:10–12. Na época em que Paulo foi liberto da primeira prisão¹⁰, rivais astutos e egoístas exerceram o controle sobre Nero — e seu reinado rapidamente caiu em declínio. Em 64 d.C., quando Nero foi acusado de começar o incêndio que devastou Roma, ele fez dos cristãos seu bode expiatório. Assim teve início a primeira perseguição aos cristãos pelo governo romano¹¹.

Muitos romanos não confiavam em Nero. Em 68 d.C., os exércitos romanos na Espanha se revoltaram e proclamaram como imperador Galba, seu líder. Nero fugiu. Quando ele foi capturado, ele se suicidou. Assim terminou a dinastia Júlio-Claudian. Por estranho que pareça, Nero manteve um lugar especial no coração de alguns romanos. Uma lenda chamada o “mito de Nero redivivo” surgiu, afirmando que um dia Nero voltaria¹².

“O Ano dos Quatro Imperadores” (68–69 d.C.)

Houve um período de confusão após a morte de Nero. Quatro imperadores governaram numa rápida sucessão, cada um apoiado por um segmento do exército romano. Muitos escritores referem-se aos três primeiros como meros “pretendentes”: Galba (junho de 68 a janeiro de 69), Oto (janeiro a março de 69) e Vitélio (abril a dezembro de 69). (Começando por esses homens, nenhum dos demais imperadores é mencionado por nome na Bíblia.) O quarto foi Vespasiano, enviado por Nero à Palestina em 67 d.C., para abrandar a rebelião dos judeus. Vespasiano deixou seu filho Tito no comando do exército romano e voltou a Roma.

Flávio Vespasiano (69–79 d.C.)

Vespasiano foi confirmado como imperador pelo Senado em dezembro de 69 d.C. No intuito de evitar a recorrência de uma guerra civil, ele designou seu filho Tito como seu sucessor, fundando as-

sim a dinastia Flaviana.

Tito (79–81 d.C.)

Tito é mais conhecido como o romano que destruiu Jerusalém no ano 70 d.C. O Arco de Tito em Roma celebra esse acontecimento. Tito também é conhecido por concluir a construção do famoso Coliseu em Roma, iniciada por seu pai. Uma catástrofe natural significativa durante seu reinado foi a erupção do Vesúvio, que destruiu Pompéia e outras cidades circunvizinhas. Tito morreu de uma febre no ano 81 d.C.¹³

Domiciano (81–96 d.C.)

Tito foi sucedido por seu irmão mais novo, Domiciano¹⁴. Devido à sua excessiva ambição, Domiciano não recebeu, nem do pai nem do irmão, uma participação ativa no governo. De certo modo, Domiciano foi um imperador eficaz. Durante seu reinado, as fronteiras do Império Romano se expandiram das ilhas britânicas até o deserto africano, e do Oceano Atlântico até o rio Eufrates¹⁵.

Domiciano restaurou zelosamente muitas práticas antigas, entre elas a da adoração ao imperador. Poucos imperadores levaram a sério a adoração ao imperador, mas Domiciano levou. Ele assumiu o título de “Senhor e Deus” e erigiu imagens de si mesmo por todo o império. Instituiu corporações oficiais cujo dever era forçar todos a prestarem homenagens à imagem do imperador¹⁶.

Uma vez por ano cada súdito do império tinha de comparecer perante os magistrados de Domiciano para dizer *kaisar kurios*, César é Senhor, e como um testemunho, tinha de queimar uma pitada de incenso à divindade de César. Depois dessa prova de lealdade, era expedido um certificado por escrito com validade de um ano¹⁷.

Aos olhos de Domiciano, a adoração ao imperador estava ligada à submissão ao trono e, portanto, ao império. Recusar reconhece-lo como deus nada mais era do que traição.

¹⁰Veja mais detalhes sobre isto nos comentários sobre esse trecho na edição “Atos, Parte 11” de *A Verdade para Hoje*.
¹¹Essa não foi uma perseguição por todo o império, mas ela abriu um precedente para a perseguição posterior. ¹²Mencionaremos esse mito brevemente em conexão com o estudo de Apocalipse 13. ¹³Alguns suspeitam que ele tenha sido envenenado por seu irmão, Domiciano. ¹⁴Um resumo do reinado de Domiciano é apresentado no comentário de William Barclay, *The Revelation of John*, vol. 2 (“O Apocalipse de João, vol. 2”), ed. rev., The Daily Study Bible Series. Filadélfia: Westminster Press, 1976, pp. 139–41.
¹⁵Veja o mapa do Império Romano na página 8 desta edição. ¹⁶Uma corporação oficial conhecida como os *praefectus urbi* era responsável por forçar a adoração em cada cidade. Deputados de cada cidade formavam a poderosa concilia, que era responsável por edificar imagens do imperador e altares para a adoração dele, e por promover a religião estatal de todas as maneiras necessárias. ¹⁷Hugo McCord, *The Royal Route of Revelation* (“A Rota dos Reis de Apocalipse”). Nashville: 20th Century Christian, 1976, p. 13. O ato de colocar uma pitada de incenso no altar tornou-se uma prova para determinar se uma pessoa era ou não cristã (cristãos fiéis não o faziam). Atribuiu-se a Domiciano a invenção dessa prova ou teste.

Quando os cristãos se recusaram a adorar Domiciano¹⁸, ele deu início à primeira grande perseguição da igreja por todo o império. Os castigos comuns eram tortura, morte (geralmente por decapitação), exílio e o confisco dos bens. Também havia o castigo altamente eficaz de não ser mais considerado cidadão detentor de direitos e privilégios.

Ao final do seu reinado, Domiciano ficou paranoico. Ninguém ao redor dele estava seguro. Sua esposa e dois guardas conspiraram contra ele; em setembro de 96 d.C. ele foi esfaqueado por um assassino. A memória de Domiciano foi amaldiçoada pelo Senado e seu nome, apagado dos monumentos públicos. Assim encerrou-se a dinastia flaviana.

A História Subseqüente — e a Queda do Império

Domiciano foi sucedido por “cinco bons imperadores”: Nerva, Trajano, Adriano, Antônio Pio e Marco Aurélio. Durante esses reinados, a prosperidade no império atingiu o seu ápice, mas esses reinados também foram chamados de “o começo do fim” para Roma:

No governo de Adriano teve início uma política de retirada; desde então, Roma nunca mais esteve na ofensiva, mas sempre na defensiva contra os incansáveis bárbaros. Sinais inconfundíveis de fraqueza e decadência começaram a surgir nos reinados de Antonio Pio e Marco Aurélio. Este, que foi o melhor e mais feliz período do governo imperial romano, foi também o começo do fim.¹⁹

O reinado de Marco Aurélio acabou com a *Pax Romana* e foi sucedido por cem anos de guerra. O exército colocava imperadores no trono e os tirava dali à vontade. Em 313, Constantino emitiu o Edito de Milão, que tornou o cristianismo uma religião legal. Após a morte de Constantino, sucedeu outro período de desordem. Roma e o império do Ocidente finalmente caíram em 576, embora o império do Oriente — ou Bizantino — tenham sobrevivido mais mil anos.

O Império Romano foi chamado de “a maior conquista política realizada”: “As conquistas de Alexandre, o Grande, Carlos Magno e Napoleão

parecem pequenas comparadas à duradoura estrutura criada por Júlio e seu sucessor, Augusto”²⁰. Quem sabe quanto tempo o império romano teria resistido, se não tivesse decidido fazer de Deus um adversário?²¹

SÍMBOLOS ÚNICOS EM APOCALIPSE

Alguns símbolos no Livro de Apocalipse são únicos. Não são encontrados no Antigo Testamento, nem em outros textos do gênero apocalíptico, nem em registros históricos daquela época. Exemplos disso são o dragão vermelho feroz mencionado no início da lição anterior e a mulher diante do dragão (capítulo 12). Em vez de alistarmos esses símbolos únicos, vamos analisar cada um deles quando nos depararmos com eles no estudo textual. Alguns desses símbolos são explicados pelo texto (veja 12:9); os demais precisam ser interpretados de acordo com o contexto imediato e a mensagem geral de Apocalipse.

CONCLUSÃO

Concluimos, assim, o estudo dos quatro tipos básicos de símbolos usados no Livro de Apocalipse: 1) números usados simbolicamente, 2) simbolismo do Antigo Testamento, 3) símbolos baseados no contexto histórico e 4) símbolos únicos em Apocalipse.

Mencionamos anteriormente que há outros tipos de símbolos no livro. Por exemplo, cores são usadas de maneira simbólica:

Branco é a cor mais encontrada na literatura do gênero apocalíptico e simboliza vitória... Vermelho ocorre muitas vezes, indicando guerra ou conflito. Preto denota a falta de alguma coisa, a falta de alimento na fome, ou a falta de saúde nas pestes ou pragas.²²

Também encontramos em Apocalipse algum simbolismo do *Novo* Testamento. Na época em que Apocalipse foi escrito, alguns livros do Novo Testamento já estavam circulando há décadas. Os conceitos de Jesus como “um cordeiro sem defeito” (1 Pedro 1:19) e da igreja como a descendência de Abraão (Gálatas 3:7) certamente eram

¹⁸Para entender por que eles não adoravam o imperador, veja 1 Coríntios 8:5, 6; Efésios 5:4, 5; Atos 4:12. Congregações privadas da comunhão membros que colocavam uma pitada de incenso no fogo. ¹⁹S. Angus, “Roman Empire”, *The International Standard Bible Encyclopedia*, ed. ger. James Orr. Grand Rapids, Mich.: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1960, 4:2598-99. ²⁰Ibid., 4:2598. ²¹Tenha em mente este contexto histórico à medida que adentrarmos no estudo do livro. Se você quiser se adiantar levantando alguns exemplos de simbolismo histórico, compare Domiciano com a besta do mar em 13:1-10 (veja também vv. 14, 15). Compare o sucesso comercial durante o reinado de Cláudio com a lista em 18:11-13. Ordene toda a lista de imperadores ao lado das críticas enigmáticas em 17:10, 11. ²²James M. Eiford, *Revelation for Today* (“Apocalipse para Hoje”). Nashville: Abingdon Press, 1989, p. 25.

conhecidos da maioria dos cristãos²³. Analisaremos outros tipos de figuras quando elas surgirem no estudo textual; por ora, basta que você esteja familiarizado com os quatro tipos principais de símbolos aqui apresentados.

Mais uma vez, insisto para que não se impressione com os numerosos detalhes destrinchados nesta lição! Em vez disso, ao responder o questionário a seguir, retome o texto da lição e sublinhe as respostas. Isto ajudará a destacar alguns dos fatos mais importantes a serem lembrados.

Você ainda está comigo? Ainda está comprometido em estudar — e entender — o Livro de Apocalipse? Se está, não se desanime. Erga a cabeça; você está indo bem! Teremos só mais uma lição de introdução e depois entraremos no texto de Apocalipse!

Questões para Revisão e Debate

1. Quais são os quatro tipos básicos de símbolos?
2. A lição sugere que quando comparamos uma referência do Antigo Testamento com a referência correspondente em Apocalipse, devemos procurar pelo “ponto de virada”. O que o autor quis dizer com esse termo, “ponto de virada”, e o que ele significa?
3. Quem fundou o Império Romano?
4. Quem foi o primeiro imperador de Roma?
5. A qual César Paulo apelou?

6. Qual César iniciou a primeira perseguição que incluiu os cristãos?
7. Qual mito surgiu após a morte de Nero?
8. Qual imperador destruiu Jerusalém (antes mesmo de se tornar imperador)?
9. Qual catástrofe natural importante ocorreu durante o reinado de Tito?
10. Qual César iniciou a primeira perseguição aos cristãos organizada por todo o império?
11. Qual prova simples (atribuída a Domiciano) era aplicada para se descobrir se um indivíduo era ou não cristão? (Veja a resposta nas notas de rodapé.)
12. A lição enumerou cinco maneiras dos cristãos serem castigados. Cite-as.

David Roper

O Método Simbólico

“Este método [o simbólico]... reconhece a mão de Deus na história. Ele não deixou o mundo abandonado à sua própria sorte, mas ainda está se relacionando com os homens com base nos princípios consistentes com o Seu caráter.

...Este método reconhece que o alvo para o qual toda a história está se movendo é o triunfo total da causa de Deus nas questões humanas. O propósito e o plano divino não fracassarão, mas obterão vitória através do guerreiro que é chamado ‘Rei dos reis’ e que luta com uma espada que sai da sua boca (19:11–21).”

*A Mensagem do Apocalipse:
Digno É o Cordeiro*
Ray Summers

²³William Hendriksen alistou algumas passagens do Novo Testamento refletidas no Livro de Apocalipse em *Mais que Vencedores*, São Paulo: Editora Cultura Cristã, s.p.

Por que Roma Perseguiu os Cristãos

Todas as religiões não-romanas eram classificadas como autorizadas ou não-autorizadas. Os membros de religiões não-autorizadas podiam ser castigados pela lei, mas o governo romano geralmente era tolerante com essas religiões, desde que elas não interferissem na paz do estado nem corrompessem a conduta moral da sociedade. Apesar disso, as leis concernentes a religiões não-autorizadas foram mantidas no código civil, caso fossem necessárias. (Os elementos morais originais haviam sido excluídos da religião estatal, e a religião oficial tornou-se meramente uma forma política e militar visando ao bem-estar do estado, e não a salvação do indivíduo. Muitos romanos adotavam várias religiões.)

O cristianismo era uma religião não-autorizada. Ele recebeu pouca atenção de Roma nos seus primórdios porque foi considerado uma ramificação do judaísmo, o qual era uma religião autorizada. Desde o tempo de Nero, porém, o cristianismo passou a ser alvo de suspeitas.

O conflito entre Roma e o cristianismo foi inevitável por vários motivos. Primeiramente, ambos eram impérios mundiais. Em segundo lugar, eles entraram em cena com um intervalo de poucos anos um do outro. Em terceiro lugar, ambos exigiam plena submissão de todos os homens. Jesus disse que Ele não veio “para trazer paz à terra... mas espada” (Mateus 10:34). A verdade do cristianismo definitivamente conflita com o errado. Era de se esperar que Satanás usasse todos os meios à sua disposição para lutar com Cristo — que arma mais poderosa ele poderia ter usado no primeiro século do que o Império Romano?

Dentre todas as religiões não-autorizadas existentes, o cristianismo foi escolhido para ser massacrado. Aqui estão algumas prováveis razões para isso ter acontecido:

1) O cristianismo fala muito de um “reino”

e a maioria das pessoas não entendia a diferença entre um reino espiritual e um reino temporal.

2) Os pontos de vista escatológicos dos cristãos soavam revolucionários. Os pregadores cristãos falavam da destruição de todas as coisas.

3) O aparentemente súbito surgimento do cristianismo conquistando tantos adeptos deixou os líderes do governo apreensivos.

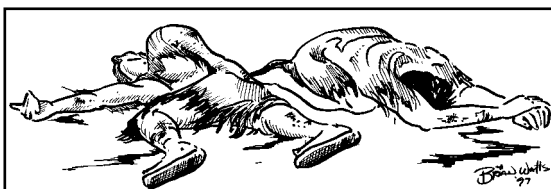
4) O cristianismo era intolerante. Diferente da maioria das religiões, um indivíduo não poderia ser cristão e ser algo mais. Para se tornar um cristão, um indivíduo tinha de abandonar tudo o que, anteriormente, ele considerava sagrado.

5) O cristianismo era exclusivo. Os cristãos muitas vezes se reuniam à noite para aquilo que alguns julgavam ser “assembleias secretas”. Os ensinamentos e as práticas cristãs foram deturpados (às vezes deliberadamente) e interpretados como impiedade e devassidão. Os cristãos foram falsamente acusados de bêbados barulhentos, assassinos de crianças e canibais.

6) Do ponto de vista do governo, os cristãos eram obstinados. Os romanos só queriam que os cristãos colocassem uma pitada de incenso num altar. Do ponto de vista deles, isto não era pedir muito.

7) Os cristãos foram considerados ateus porque diziam que os deuses de outras crenças não eram deuses de verdade.

Com o passar do tempo, os cristãos foram acusados de todo tipo de catástrofe. Apologistas cristãos mostraram que calamidades já aconteciam antes do estabelecimento do cristianismo. Além disso, quando aconteciam catástrofes, os cristãos eram as pessoas que mais se sacrificavam e socorriam o povo. Chamar a atenção para tais fatos, porém, não resolveu o problema, pois os preconceituosos raramente dão ouvidos à razão¹.



As Duas Testemunhas Perseguidas (11:3–12)

¹Grande parte deste material é uma adaptação da obra de S. Angus, “Roman Empire and Christianity”, em *International Standard Bible Encyclopedia*, ed. James Orr. Grand Rapids, Mich.: Wm. E. Eerdmans Publishing Co., 1960, 4:2598-611. Para estudos adicionais sobre este assunto, veja o livro de Ray Summers, *A Mensagem do Apocalipse: Digno É o Cordeiro*. Rio de Janeiro: Juerp, 1978.

Por que Roma Caiu

Ray Summers atribuiu a queda de Roma a três agentes: “...é fato sabido que o Império Romano caiu por causa de uma combinação de três agentes: catástrofe natural, decadência interna e invasão externa”¹.

Edward Gibbon, autor de *Declínio e Queda do Império Romano*, acreditava que o declínio interno foi o fator decisivo e enumerou cinco razões para a queda de Roma:

- O rápido aumento de divórcios; o enfraquecimento da dignidade e santidade do lar, o qual é a base da sociedade humana.
- Impostos cada vez mais elevados e o gasto de dinheiro público com pão gratuito e espetáculos para o povo.
- A loucura obstinada por prazer; os esportes

ficando cada ano mais emocionantes e mais desumanos.

- A construção de armamentos gigantescos quando o inimigo real era interno: a decadência do povo.
- A decadência da religião — a fé degradando em mero formalismo — perdendo o contato com a vida e se tornando impotente para advertir e orientar o povo.²

As cinco razões levantadas por Gibbon podem ser consideradas subpontos do segundo agente citado por Summers.

Guarde bem esses fatores para a análise textual que faremos de Apocalipse, pois nos depararemos com eles, de vez em quando, no simbolismo do livro.

¹Ray Summers, *A Mensagem do Apocalipse: Digno É o Cordeiro*. Rio de Janeiro: Juerp, 1978, s.p. ²Citado em Paul Lee Tan, *Encyclopedia of 7,700 Illustrations: Signs of the Times*. Rockville, Md.: Assurance Publishers, 1979, p. 250.

Império Romano por Volta do Ano 100 d.C.



Uma Rival de Roma: Pártia

Em Atos 2, quando Lucas registrou as nações presentes no dia de Pentecostes, ele incluiu os partos (v. 9). A Pártia era um país pequeno, com aproximadamente 500 km de comprimento por 200 km de largura, situado a sudeste do mar Cáspio, no local que hoje é nordeste do Irã e sul do Turquemenistão. Era uma região fértil mas montanhosa.

Na época em que Apocalipse foi escrito, a Pártia havia conquistado grande parte do antigo Império Persa e governava uma área que se estendia desde o rio Eufrates, no oeste, até o Afeganistão, no leste. Esse era o único poder militar de relevância nas fronteiras do Império Romano, e durante centenas de anos foi um incômodo ao lado dos romanos.

Algumas das imagens no livro de Apocalipse podem se relacionar aos partos. Por exemplo, o cavaleiro com um arco e uma coroa em 6:2 remete às moedas da Pérsia/Pártia cunhadas com a figura de um cavaleiro com um arco na mão e uma coroa na cabeça. “Guerreiros partos eram cavaleiros e arqueiros habilidosos, e sua tática de atirar flechas nas costas de seus inimigos enquanto voavam ou fingiam que voavam deram margem à expressão ‘um tiro parto’, que significa ter a última palavra.”¹

Talvez as alusões mais óbvias a Pártia encontrem-se nos capítulos 9 e 16: o capítulo 9 fala do “grande rio Eufrates”, onde quatro anjos foram soltos para punir a humanidade; os anjos foram

mais tarde identificados como “os exércitos da cavalaria” (vv. 14–16). O capítulo 16 menciona novamente “o grande rio Eufrates”, juntamente com “os reis que vêm do lado do nascimento do sol”, ou “reis do leste” (v. 12). A implicação era que esses reis seriam usados por Deus para realizar os Seus propósitos.

Um incidente na história romana ilustra o que Pártia e o rio Eufrates representavam para o Império Romano. Juntamente com Júlio César² e Pompeu, o Grande, Marcos Licínios Crassos formou o que se denomina “o Primeiro Triunvirato”. Determinado a ser rival de César na fama e na riqueza, Crassos avançou para além do Eufrates. Numa batalha em Carrae, 20.000 romanos morreram, 10.000 foram levados cativos, a insígnia romana foi perdida e Crassos se matou. Os partos, então, atravessaram o Eufrates e devastaram o norte da Síria. Só a sugestão de “reis do leste” armando um ataque pelo “grande rio Eufrates” já daria um calafrio na espinha de um comandante romano.

Uma vez que a dinastia parta foi conquistada pelos sassânios, em 224 d.C., os partos não foram literalmente responsáveis pelo final que sobreveio ao Império Romano. Sendo assim, a imagem dos partos em Apocalipse não deve ser interpretada literalmente, mas simboliza forças usadas por Deus para destruir o Império Romano — talvez forças militares³. A invasão de fora foi um fato significativo na queda da Roma imperial⁴.



O Cavaleiro com Arco e a Coroa (6:2)

¹Grolier Multimedia Encyclopedia (1995), v.v. “Parthia” (“Pártia”), por Richard N. Frye. ²Veja a referência a Júlio César na lição “Sinais Significativos e Símbolos Surpreendentes”. ³Veja as notas sobre 9:14–16 na respectiva edição desta série. ⁴Veja o artigo “Por que Roma Caiu”, na página anterior.

A Cidade de Roma

“...Roma atraía homens e idéias de todo o Mediterrâneo, por volta de mil anos após o seu início ela já havia incorporado todas as outras comunidades civilizadas da Bretanha à Arábia. Roma era cosmopolita e o mundo todo era romano. Mas foi justamente essa abrangência que destruiu a singularidade da cidade, e a centralidade estratégica que havia ditado o seu crescimento perdeu-se com a abertura dos rios Danúbio e Reno, deixando Roma na Idade Média pouco mais do que uma cidade provinciana da Itália.”

Novo Dicionário da Bíblia, J. D. Douglas, ed.